

Mercado paralelo nos EUA negocia dívida brasileira

Armando Ourique

Washington — Um novo mercado secundário está surgindo para transações com descontos de dívidas do Brasil e de outros países com problemas de iliquidez financeira internacional. Contratos de empréstimos ao Brasil têm sido vendidos por 72% a 75% do seu valor nominal por bancos que buscam reduzir suas posições, informou um dos corretores desse mercado, Martin Schubert, presidente do European Interamerican Finance Corporation.

A revista **Businessweek** da semana passada afirma que mais de 1 bilhão de dólares de contratos de dívidas já foram transacionados. As operações mais freqüentes são de trocas de dívidas de países diferentes entre bancos. A maior transação foi realizada diretamente entre o Banco Real, do Brasil, e o Bankers Trust, de Nova Iorque.

Melhorar a liquidez

Diante da necessidade de fortalecer a sua liquidez, o Banco Real trocou 190 milhões de dólares em valor nominal de empréstimos a vários países latino-americanos por 90 milhões de dólares em efetivo e 100 milhões de dólares de empréstimos do Bankers Trust ao Brasil. Nesta operação, o Bankers Trust reduziu em 10% a sua carteira de empréstimos ao Brasil. Com o pagamento parcial em dólares efetivos pelo Bankers Trust, foi compensado o fato dos contratos de dívida brasileira estarem com as mais baixas cotações no mercado secundário.

Segundo pesquisa da **Businessweek** junto a vários corretores, em operações de vendas de dívidas por pagamentos em efetivo, um dólar nominal de empréstimos ao Brasil está sendo cotado por 72 a 75 centavos, enquanto que a dívida mexicana está vendendo a 85 centavos, a venezuelana de 80 a 85 centavos e a argentina de 77 a 80 centavos.

O corretor Schubert tem uma estimativa mais reduzida para o total de dívidas transacionadas por contratos de dívidas de outros países ou por dólares em efetivo. Segundo ele, já trocaram de mãos de 800 a 850 milhões de dólares em contratos de empréstimos. Deste total, entre 300 e 350 milhões de dólares foram de dívidas brasileiras. A sua empresa intermediou um total de 200 milhões de dólares e cerca de 40 milhões de dólares de contratos brasileiros.

Schubert, que abriu seu novo negócio de corretagem em fevereiro passado, afirma que o mercado secundário será a solução prática para a crise da dívida internacional.

Em sua opinião, este mercado se desenvolverá, possibilitando aos bancos que desejarem a liquidação de suas carteiras de empréstimo. Ele acredita que precisa haver a liquidação de empréstimos no valor de mercado (com descontos, portanto, em relação aos valores nominais) para os bancos eventualmente voltarem a conceder novos empréstimos.

Se o Brasil fosse acompanhar as cotações do mercado secundário de 75 centavos por dólar, isso significaria remunerar os bancos com taxas de 33% acima dos juros e das comissões já cobradas. Na prática, portanto, se este mercado se generalizasse, o Brasil não teria condições de obter novos empréstimos, mesmo através das modalidades involuntárias em que os últimos dois jumbos de 4,4 bilhões e 6,5 bilhões de dólares foram negociados.

O mercado secundário, entretanto, não deverá se desenvolver na medida em que o Brasil realizar o pagamento ou manter as perspectivas de pagamentos dos juros em atraso.

Uma das principais razões das operações limitadas de trocas de dívidas realizadas é um novo regulamento da Comissão de Valores Mobiliários dos EUA (SEC) que entrará em vigor no próximo dia primeiro. A SEC exigirá que todo banco com mais de 1% dos seus ativos num país estrangeiro faça uma *full disclosure* (abertura total de informações) de sua carteira de empréstimos aos seus acionistas. Segundo a **Businessweek**, haveria também o interesse dos bancos europeus em trocarem dívidas de países latino-americanos por dívidas do Leste Europeu e de pequenos bancos em liquidarem as suas carteiras de empréstimos a países altamente endividados.

Um porta-voz do Bankers Trust disse que esta instituição prevê novas transações com contratos de dívida brasileira. Afirmou, entretanto, que a operação com o Banco Real "não reflete uma falta de confiança no Brasil" e que "o que foi feito não foi uma operação contra o Brasil". Enfatizou que o Bankers Trust cumpriu a sua quota no jumbo de 6,5 bilhões de dólares e esclareceu que na operação com o Banco Real a iniciativa partiu do banco brasileiro. O Bankers Trust teria levado em consideração os seus fortes laços com o Real. Acrescentou que "o Banco Real permanece um banco forte, mas havia sido atingido pela situação financeira internacional e precisava dos 90 milhões de dólares por motivos de liquidez".